

RESPOSTA DO CRESCIMENTO INICIAL DO COQUINHO-AZEDO A DIFERENTES FONTES E DOSES DE ADUBOS

AQUINO, C.F.¹; NEVES, J.M.G.¹ SILVA, H.P.¹, LOPES, P.S.N.²

¹UFMG/Campos Montes Claros-MG, cesarfa@ufmg.br, josemariauf@yahoo.com.br e humberfufu@yahoo.com.br ²Professor da UFMG/Campos Montes Claros-MG, psnlopes@ufmg.br

O coquinho-azedo (*Butia capitata* var. *capitata*) é uma planta nativa do cerrado norte mineiro, sendo seus frutos explorados intensamente pelos extrativistas. Os frutos são comercializados tanto "in natura" como para produção de sucos, sorvetes e picolés, constituindo em uma importante fonte de renda para muitas famílias da região. A domesticação do coquinho azedo com implantação de pomares comerciais pode ser uma grande oportunidade econômica para o norte de Minas Gerais, porém é importante conhecer a resposta desta espécie a adubação com vistas a potencializar o seu desempenho produtivo. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi verificar o comportamento agrônomo do coquinho-azedo implantado em sistema de monocultivo em função de diferentes doses e fontes de adubos. O experimento foi montado em delineamento de blocos casualizados, com 5 tratamentos, 4 blocos, 2 plantas por parcela. Os tratamentos foram: Trat 1- sem nenhum tipo de adubação; Trat 2- 20 L de esterco de curral na cova antes do plantio; Trat 3- 12,8g de uréia e 8,33g de cloreto de potássio na cova e mensalmente; Trat 4- 25g de uréia e 16,6g de cloreto de potássio na cova e mensalmente, Trat 5- 20 L de esterco de curral na cova antes do plantio e a mesma dose seis meses após o plantio. As plantas foram avaliadas com oito meses pós-plantio quanto à altura total, número de folhas temporárias, número de folhas pinadas, comprimento do limbo foliar e diâmetro do caule. O comprimento do limbo foliar foi medido na 1ª, 2ª e 3ª folha, que se encontrava aberta a partir da folha flecha. Os tratamentos aplicados não apresentaram diferenças estatísticas significativas, sendo as médias encontradas para as avaliações da altura total de 5,4 cm, do número de folhas temporárias de 5,17 e de folhas pinadas de 3,52, do comprimento do limbo foliar para a 1ª folha de 37,57cm; 2ª folha de 36,68cm e 3ª folha de 39,2cm e diâmetro: 13,35 mm. Conclui-se, portanto, que o coquinho-azedo em fase de desenvolvimento inicial não demonstrou resposta à adubação aplicada durante este período de avaliação. Apoio financeiro: (PROGRAD/UFMG).

Palavras-chaves: *Butia capitata*, adubação, cerrado, nutrição.

ADUBAÇÃO COM BORO EM MUDAS DE BANANEIRA PRATA ANÃ CULTIVADAS EM CASA DE VEGETAÇÃO

²SILVA, I. P.; ²MAGALHÃES, R. C.; ¹SILVA, J. T. A.; ²MOURA NETO, A.;

¹Pesquisador da EPAMIG/Nova Porteirinha-MG, josetadeu@epamig.br, ²Graduandos da UNIMONTES/Janaúba-MG

O boro é um micronutriente considerado importante para a cultura da bananeira. A taxa de absorção de B pela bananeira é constante ao longo do ciclo da planta. O objetivo deste trabalho foi verificar o efeito da aplicação de doses crescentes de boro sobre o desenvolvimento de mudas de bananeira Prata anã cultivada em casa de vegetação. O trabalho foi conduzido em casa de vegetação na EPAMIG/CTNM, localizada em Nova Porteirinha, MG. O experimento foi realizado aplicando-se cinco doses de boro (0; 0,5; 1,0; 2,0 e 4,0 mg/dm³), em vasos contendo 5dm³ de Latossolo Vermelho amarelo, de textura média. Utilizou-se como fonte de boro o ácido bórico (17% de B). As mudas de bananeira utilizadas foram obtidas de cultura de tecido. As mudas foram cultivadas durante 60 dias, após esse período foram avaliadas a altura e o diâmetro do pseudocaule. As mudas foram cortadas rente ao solo para determinar o peso da matéria seca da parte aérea e das raízes. De acordo com os dados obtidos verificou-se que houve efeito quadrático negativo da aplicação das doses de boro sobre a altura ($y = 20,9 - 6,42x + 1,097x^2$ $R^2 = 0,936$), sobre o peso da matéria seca da parte aérea ($y = 11,0 - 5,78x + 0,895x^2$ $R^2 = 0,968$) e sobre o peso das raízes ($y = 12,2 - 8,36x + 1,48x^2$ $R^2 = 0,935$) das mudas de bananeira. Efeitos tóxicos provenientes do boro foram observados em todas as variáveis analisadas a partir da dose de 0,5 mg/dm³. Quanto ao diâmetro do pseudocaule, verificou-se que a aplicação das doses de boro apresentou efeito linear negativo ($y = 1,88 - 0,237x$ $R^2 = 0,962$). O intervalo entre o nível crítico e o nível tóxico de boro no solo é muito estreito, para as plantas em geral, sendo mais estreito em solos de textura média e arenosa. Baseado nos resultados obtidos, conclui-se que a utilização do boro em solos de textura média ou arenosa deve ser realizada com bastante critério, pois a aplicação em dose inadequada pode trazer prejuízos no desenvolvimento das mudas de bananeira.

Palavras-chaves: Bananeira, *Musa* spp, adubação, nutrição

CARÊNCIA DE MICRONUTRIENTES EM PLANTAS JOVENS DE MANGOSTANZEIRO

VIÉGAS, I. de J.M.¹; CORDEIRO, R.A.M.²; FRAZÃO, D.A.C.¹;

¹Embrapa Amazônia Oriental, dilson@cpatu.embrapa.br, viegas@cpatu.embrapa.br, ²Bunge, ricardo.cordeiro@bunge.com

A região amazônica é considerada como uma das áreas mais propícias para o cultivo de fruteiras tropicais. No Estado do Pará, a cultura do mangostanzeiro (*Garcinia mangostana* L.), encontra-se implantada, predominantemente, em solos de baixa fertilidade natural, e vem apresentando inúmeras limitações ao desenvolvimento, face a escassez de informações de pesquisa que subsidiem a exploração racional dessa espécie. Dessa forma, foi desenvolvido este trabalho de pesquisa com o objetivo de avaliar os aspectos nutricionais visando caracterizar os sintomas de deficiências de micronutrientes em plantas jovens de mangostão. O experimento foi desenvolvido sob condições de casa de vegetação, localizada na Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA. O delineamento experimental foi o inteiramente casualizado, constituindo-se de seis tratamentos e quatro repetições, sendo os seguintes tratamentos: Completo, omissão de B, Cu, Fe, Mn e Zn. As omissões de micronutrientes na solução nutritiva resultaram em alterações morfológicas, caracterizadas por sintomas visuais de deficiência nutricional de cada nutriente no mangostanzeiro. Os sintomas de carência de B mostram folhas mais novas amareladas, retorcidas, atrofiadas, pequenas e grossas, e com a intensidade ocorre morte do meristema apical do caule. A altura das plantas, número e tamanho das folhas sofrem redução acentuada. A carência de Cu se caracteriza pelo amarelamento das folhas novas com coloração verde-pálida entre as nervuras e com a intensidade ocorre necrose nas extremidades das folhas. A carência de Fe se evidencia nas folhas mais novas que gradualmente perdem sua cor verde, tomando coloração verde amarelada. Com a progressão da deficiência as folhas se tornam esbranquiçadas, ocorrendo redução no porte da planta. Com a intensidade, as folhas apresentam necrose na extremidade. Para o Mn, os sintomas de carência são caracterizados pelo amarelamento entre as nervuras das folhas novas, com faixa de tecido verde circundando as nervuras principal e secundárias. Com a intensidade, as folhas se tornam mais amareladas e de tamanho reduzido. Com relação ao Zn, os sintomas de carência ocorrem nas folhas novas, as quais apresentam-se estreitas e alongadas com uma clorose inicial entre as nervuras secundárias e com a intensidade toda a lâmina foliar fica amarelada.

Palavras-chaves: mangostão, *Garcinia mangostana*, omissão de nutrientes, nutrição, deficiência.